


CapoeiraVogue e malandragem 2.0: uma entrevista com Puma Camillê

ENTREVISTADA: Puma Camillê

TRANScesor Multi Disciplinary Artist | Campinas/SP.

ENTREVISTADOR: João Caetano Brandão Andrade 

Universidade Federal da Bahia | Salvador/BA.

joacaetanobrandaoandrade@gmail.com

DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v33i2pe227168>

RESUMO: Esta entrevista com Puma Camillê, realizada em agosto de 2023, oferece uma visão particular sobre a intersecção entre corpo, gênero e sexualidade na capoeira, especialmente no contexto digital. Puma, uma capoeirista trans e travesti, compartilha sua jornada de autoconhecimento e resistência, destacando o papel central que a capoeira e o vogue desempenham na construção de sua identidade. A entrevista é dividida em quatro partes, explorando sua trajetória, a relação com o corpo como "arma de batalha", o impacto da internet na sua expressão e a importância da Bahia no itinerário. A conversa enriquece o debate sobre gêneros e corporeidades, mostrando como essas práticas culturais se entrelaçam com as lutas trans contemporâneas.

Palavras-chave: capoeiravogue; corpo, Internet; gênero; Bahia.

ABSTRACT: This interview with Puma Camillê, conducted in August 2023, offers a unique perspective on the intersection between body, gender and sexuality in capoeira, especially in the digital context. Puma, a trans and transvestite capoeirista, shares her journey of self-knowledge and resistance, highlighting the central role that capoeira and vogue play in the construction of her identity. The interview is divided into four parts, exploring her trajectory, the relationship with the body as a "battle weapon", the impact of the internet on her expression and the importance of Bahia in her itinerary. The conversation enriches the debate on genders and corporealities, showing how these cultural practices intertwine with contemporary trans struggles.

Keywords: capoeiravogue; body, Internet; gender; Bahia.



e227168

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v33i2pe227168>

Introdução

A presente entrevista, realizada com Puma Camillê¹ em agosto de 2023, traz uma perspectiva interessante sobre a intersecção entre corpo, gênero e sexualidade no contexto da capoeira e, mais especificamente, da capoeira na Internet. Esta conversa nos permite adentrar a vivência e as reflexões de uma capoeirista trans e travesti, cuja trajetória é marcada pela luta e pelo autoconhecimento, mediada e construída tanto pelos movimentos físicos quanto *pele/no* ciberespaço.

Puma Camillê nos guia por aspectos fundamentais de sua existência: a relação intrínseca com seu corpo e corporeidade, a importância da capoeira e do vogue na construção de sua identidade multifacetada e o lugar estratégico e sensível que a Internet e a Bahia ocupam em sua vida. Da fala de Puma, em cada uma dessas dimensões, emergem elementos centrais para entender como, para ela, o corpo é não apenas um veículo de expressão, mas também uma arma de resistência e sobrevivência. Todos esses temas são iluminados pela perspectiva *trans* de Puma Camillê. As questões de gênero que marcam sua trajetória, e seus múltiplos atravessamentos, são comentadas e dimensionadas por Puma de modo a enriquecer as ideias e o debate sobre gênero e corpos *transgêneros* na atualidade.

A entrevista está organizada em quatro partes. A primeira delas apresenta aspectos biográficos da vida de Puma Camillê e o lugar central que o corpo ocupa na construção de sua identidade. Seu corpo é descrito como uma "arma de batalha", forjada especialmente através da capoeira e do vogue, que suscitam formas distintas de lidar com as questões de gênero. Aqui, Puma revela como sua trajetória na capoeira começou na infância e se desenvolveu como uma resposta orgânica à sua necessidade de expressão corporal e identidade pessoal.

Na segunda parte, avançamos na história de Puma na capoeira e no vogue, desde seu primeiro contato até seu envolvimento profundo com essas manifestações e seus desdobramentos no universo digital. Ela compartilha como a capoeira e o vogue moldaram não apenas suas habilidades físicas, mas também seu entendimento político e social. Para Puma, a capoeira e o vogue ultrapassam a dimensão da performance; são formas de luta política e plataformas para contestação e transformação de realidades sociais e pessoais. Puma explica como a cultura *ballroom* se tornou uma tecnologia de resistência e expressão, e sobre sua inédita contribuição aos campos do *ballroom* e da capoeira, ao fazê-los conversarem na invenção que denominou *Capoeira Vogue* ou *Capoeira para Todes*. Complementando e enriquecendo a prática desses dois universos.

A terceira parte explora a relação de Puma com a internet e como essa ferramenta tem sido vital para sua expressão e conexão com o mundo. De acordo com a multiartista, a Internet é um *dispositivo*, um meio para compartilhar conhecimentos e fortalecer a comunidade, deve

¹ Puma Camillê é capoeirista, multiartista, CEO do *Capoeira Para Todes*, mãe do Ilê Legbara. Em seu *Instagram*, ela se define: "TRANSCesor Multi Disciplinary Artist". Para conferir: <https://www.instagram.com/capoeiratravesti/>. Acesso em 06 jul 2024.



ser usada sem medo, mas com ressalvas. Na quarta e última seção, Puma Camillê comenta o lugar mítico que a Bahia ocupa no imaginário dos capoeiristas, e em sua própria vida e trajetória. A conversa se encerra com ideias de Puma sobre a capoeira do presente e do futuro.

Ainda que, no momento em que a entrevista foi realizada, meus interesses acadêmicos estivessem mais voltados a pensar a *ginga*² da capoeira na Internet, a entrevista com Puma Camillê tocou em outros pontos importantes, sobre gêneros e corporeidades. Acredito que esta publicação no presente dossiê faz-se uma contribuição para o debate, oferecendo uma visão íntima e poderosa sobre como corpos, gêneros e sexualidades se entrelaçam e se territorializam através da capoeira e do vogue enquanto práticas culturais com reverberações digitais. Puma Camillê nos ensina que o encontro entre a capoeira e o vogue potencializa uma filosofia de vida, pautada em valores *transcestrais* e “afro-atlânticos” que continua a avançar e a inspirar novas formas de resistência e existência.

Nesta publicação, escolhemos privilegiar o conteúdo da entrevista. Deste modo, encerro meus comentários nesta apresentação e presto alguns esclarecimentos adicionais nas notas de rodapé. Por fim, gostaria de registrar mais uma vez meu agradecimento à Puma Camillê pela conversa e, agora, pelo consentimento em publicar este material. Aproveito para tornar público meu agradecimento à Hannah Saraiva Pfeifer (Areia)³, capoeirista, arquiteta e artista plástica por oportunizar o contato com a convidada desta entrevista.

Primeira parte: Meu corpo é minha arma de batalha

João Caetano: Salvador, 18 de agosto de 2023, aqui na FACOM⁴, com a Puma Camillê. Uma honra enorme. Eu quero começar agradecendo essa oportunidade, Puma. Talvez as primeiras perguntas sejam repetidas para você, mas eu acho que é uma maneira importante de começar essa conversa. Quem é Puma Camillê?

Puma Camillê: É muito complexo, né?! Mas Puma Camillê é uma existência que se manifesta num corpo trans, travesti, preto, retinto, capoeirista, artista. Passa por essas comunicações. Mas, ao mesmo tempo, Puma Camilê é um fragmento que traz para matéria o que tá sutil dentro das pessoas. Então, o que as pessoas não conseguem, de alguma forma, materializar, Puma Camillê é esse fragmento com essa comunicação, a partir da filosofia da capoeira e, agora, da comunidade ballroom. Só que, enfim, o que eu absorver. Estamos aqui no

² A *ginga* é o movimento base e fundante da capoeira. Consiste numa movimentação que envolve pernas e braços e permite que os capoeiras se desloquem na roda e retirem deste jeito de corpo golpes e esquivas. No jogo da capoeira, em nenhum momento, quem está no centro da roda deve ficar parado; se não está atacando ou esquivando, está gingando.

³ No universo da capoeiragem, Hannah é conhecida também por *Areia*, seu apelido ou nome de guerra.

⁴ A entrevista foi realizada numa manhã de sexta-feira, no pátio da Faculdade de Comunicação e Jornalismo da Universidade Federal da Bahia, no bairro Ondina, em Salvador;BA.



dia 18 de agosto de 2023, mas isso vai estar no mundo. Então, talvez, em outro momento, eu esteja comunicando a partir de outras tecnologias ancestrais, de outras sabedorias. Só que Puma Camillê faz isso: ela traz o sutil para matéria. É um caminho.

João Caetano: Que lindo! Então, pelo visto, é uma definição de quem está sempre por se fazer, em devir, uma identidade em construção, né? Qual é o lugar do corpo, do seu corpo, na construção dessa identidade?

Puma Camillê: Então, meu corpo é minha arma de batalha, né? Sempre foi. A capoeira me trouxe isso como uma das possibilidades que eu agarrei e que a capoeira apresenta. Então, a capoeira não é o corpo de batalha, mas tem isso na capoeira. Então, foi uma das possibilidades da capoeira que eu pude me apoderar. Me identifiquei super, desde sempre. De eu não me identificar, ali, com as propostas dadas pela vida com o corpo. Meu corpo já era um corpo que gostava de ficar com a mão no chão, de ficar de torso, de pular, sabe? De descobrir o que pode ser feito nele. E eu lembro que só era dado bola pra mim, bola bola bola. E eu nunca fui boa com isso. [Risos]

João Caetano: Você não era craque não, Puma?

Puma Camillê: Não, não era. Não era. Assim, eu nunca fui ruim. Só que na quebrada todo mundo é muito bom, a galera já nasce boa. Daí eu tava nesse contexto de perceber que eu poderia ser boa em algo. Enfim, não que essa fosse uma busca por. Mas eu posso tá em algo que eu possa ter prazer de tá. Porque eu acho que ser bom é quem tira onda. É isso! Eu acho que o “bom” é quem consegue sentir a pessoa, sem tá lá, ter vontade de tá lá fazendo, o que a pessoa tá fazendo, porque ela tá gostando de fazer, sabe? E eu via que as meninas estavam lá fazendo estrela, ficando de ponta cabeça, elas pulavam amarelinha, pulavam corda, viravam de cambalhota, faziam ponte, faziam um monte de coisa. E eu tava no contexto de tá com bola. E a capoeira foi apresentada pra mim nesse contexto: de eu poder fazer, de ter contato com o corpo, de tá em roda, de dar a mão pra menina e pro menino, sem questão de gênero envolvida. Porque tinha questões.

Eu lembro na escolinha, muito nítido, de correr pro lado dos meninos e das meninas e dar a mão, sabe? Dar a mão pra pessoas e ninguém fosse rir de mim por isso, sabe? Coisas nesse sentido. Então, a capoeira tira questões de gênero. Me apresenta ao meu corpo, à música, ao canto, à roda, ao centro. À atenção ali no centro e de poder ser aplaudida por algo. Então, tem coisas que a capoeira me preencheu... Enfim, foi uma mãe. Uma mãe! E psicóloga! E tudo ao mesmo tempo, né? Ela acolhe. Então... qual foi a pergunta? [Risos]



João Caetano: Dizem que quando a conversa é boa, ela avança, e a gente esquece como ela começou. Mas a pergunta era sobre o lugar que o corpo ocupa na construção da sua identidade.

Puma Camillê: Ah, o corpo. Sim, sim, é verdade. Pensando que meu corpo e identidade foram construídos a partir da capoeira, quando ela quebra a percepção de gênero, e ela possibilita ali, mesmo sem entender o que é “trans” o que é “gênero”. Porque não foi um marcador tão forte pra mim. Eu só era uma criança que gostava de dançar axé, de tá ali no meio da galera, enfim, tava ali no meio da galera e isso tem nome pra sociedade. Então, hoje eu me apoderei só do nome, mas eu sigo sendo aquela mesma coisa. Quem me lembra que eu tenho um nome é o externo, quando eu preciso me apresentar, quando eu preciso me comunicar com o externo. Porque existem lugares pra gente pautar a comunicação, camadas sociais pra gente começar a falar. Então, é interessante que eu me coloque em lugares pra gente entender de que camadas [sociais] a gente tá falando, né? De profundidade, enfim, however...

Mas, trazendo isso, agora, pra questão do corpo... O meu corpo se constrói na capoeira com referências, ali, de criança. Que são agêneras, né? Criança brinca, pula, gira. Só que muito logo, quando eu apresento a capoeira pra família, eu lembro que esse lugar não era aceito bem pelo sistema religioso, que é o que domina toda lógica. Então, a capoeira já não entra como aquela roda de capoeira, mas eu continuo de bananeira, no areião dando mortal. Então, o corpo sempre foi o meu contato com a vida, sabe? Pra lembrar que eu tô viva eu coloco meu corpo em movimento. Meu corpo me lembra que eu tô viva! A capoeira que me lembra essas coisas, na verdade. Eu percebo o corpo como um lugar de força, um lugar de destreza, um lugar de velocidade, tudo que a capoeira contemporânea pôde me apresentar enquanto potência que, enfim, o militarismo também descobriu. Não é um segredo. O militarismo descobriu e essa capoeira é, assim, lado a lado com a lógica esportiva, a lógica militar. Do clube... ela tá em clube, ela tá em academia. Então, essa capoeira me apresentou isso e o meu corpo se reprime e, de alguma forma, se fortalece na masculinidade que a capoeira aplaude.

Então, o meu corpo se constrói nesse lugar por muito tempo como defesa, como defesa social por ser uma pessoa preta, ali, LGBT, já percebendo que, até hoje inclusive, passar por questões que muitas pessoas trans – eu percebi isso recentemente – muitas pessoas trans na rua elas têm medo de violência física. E eu, o meu medo de violência física ele não existe. Então, consequentemente eu não atraio para a minha realidade questões de violência física, ali, com quem tá na rua, na quebrada, porque vai ver uma travona preta. A pessoa sauda. Gente que tá em situação de rua? Saúda e, no máximo, ela vai ficar com medo de mim e atravessar a rua. Então, não é a violência que eu atraio para a minha realidade. Além de tudo, a capoeira me



acolheu de uma tal forma que eu tenho um corpo para lidar, sabe? Eu tenho medo de polícia, uma hora e meia da madrugada, na rua. Então, os meus medos, em construção, foram outros⁵.

Segunda parte: “Malandragem 2.0” e “corpo mutante”

João Caetano: Puma, agora eu queria ouvir sobre sua trajetória na capoeira. Na última resposta você começou a falar um pouco sobre seus primeiros contatos interditos com prática.

Puma Camillê: Eu estava falando sobre o corpo e que a capoeira voltou pra mim com quatorze anos, dentro do processo de uma igreja católica. Então, a capoeira volta a partir de um grupo chamado Arte Cultural. Então, ela se apresenta pra mim, com sete anos, Mestre Bil, Mestre José Abilio, de Campinas (SP), um queridíssimo que leva a roda da feira Hippie. Uma roda com 35 anos. Então, um artesão público, ali, de Campinas. Depois, vem num projeto social com o Grupo Arte Cultural, dentro desse processo da Igreja Católica. Então, tinham elementos, ali em volta, limitantes, mas ela sempre veio pra mim com muito amor. Uma capoeira contemporânea, capoeira de corda e tal⁶. Em 2012, no processo da universidade, pensando que a capoeira, ali, estava num contexto de projeto social. Todas as pessoas tinham trabalhos e levavam a capoeira como um trabalho voluntário. Então, eu estava nesse contexto, só que eu queria muito mais da capoeira, sabe? E via que tinha como ocupar meu tempo mais tempo com ela. Mas eu não tinha essa referência.

Fui pra universidade como possibilidade de, enfim, trazer um diploma pra minha família. Eu acho que estava bem nesse contexto de conseguir descobrir uma profissão. Eu acho que bem dezessete anos. Só que a capoeira batendo no coração, ali, sabe? Então, eu ia pra universidade dois dias e ia pra capoeira quatro, sabe... Eu comecei a perceber que era capoeira. Meus professores falavam: “Vai pra capoeira. Mas se profissionaliza nisso, vai ficar boa, vai no treino, vai e aprende línguas, vai e estuda, vai e lê, mas vai ser alguém na capoeira, porque você gosta muito disso”. Enfim, conheci o Grupo Cordão de Ouro. Aí, tive a oportunidade de ir pra muitos lugares do mundo com capoeira. De compartilhar capoeira a partir do físico. Do corpo físico. Do movimento. Da performance. Claro que, para além disso, tem as minhas percepções... porque, tá nesse lugar, eu tive acesso a muitos mestres, isso me possibilitou ver muitos mestres, ir a muitos grupos de capoeira. Então, as minhas percepções de vida tão acopladas nesse ensinamento.

⁵ Nesse momento, a entrevista é interrompida por ruídos causados pelos fumantes na área de convívio da FACOM. Decidimos nos mudar de lá para um espaço mais silencioso no campus de Ondina, na UFBA. Hoje reconheço que a interrupção provocada pela interferência sonora comprometeu o aprofundamento na discussão sobre violência e gênero.

⁶ Alguns grupos contemporâneos de capoeira introduziram um sistema de graduação, representado pelas *cordas* ou *cordéis*, que funciona de um jeito parecido com as faixas no karatê. Cada cor indica um nível/estágio dentro da hierarquia interna de cada escola/grupo.



Mas, chega um momento, eu acho que na vida política das pessoas, na vida, a gente percebe que não tem como desconectar a capoeira da nossa luta política, então, eu acho que esse corpo que eu sou, consciente, dentro dum grupo que reproduz valores que não fazem sentido com o contexto progressista, revolucionário, não faz sentido, não faz sentido. E eu me vi nesse contexto. São os mesmos problemas que têm no sistema: o racismo latente. Questões latentes. Então, a capoeira começa a ter mais sentido político do que a performance de movimento em si. Consequentemente, ali, o jogo tem um outro respeito, um outro lugar. Porque eu não jogo com qualquer corpo de qualquer jeito. Quando jogo com uma criança é de um jeito, quando eu jogo com uma mulher é de um jeito, uma mulher gorda, não é. São possibilidades que você precisa olhar para aquele corpo enquanto um corpo político. E eu comecei a ser uma capoeirista que cruza com pessoas. Tenho maestrias, pessoas de referência. Inclusive, aqui na Bahia, eu tô muito próxima a Mestre Janja. Que é uma grande... não é uma madrinha, eu a chamo de madrinha, mas é uma grande mestra, assim, da vida pra mim. E cruzo com outras figuras em Belo Horizonte, cruzo com figuras em Campinas, com o Mestre Topete. Então, eu tenho figuras de referência pra mim na capoeira.

E hoje... aliás desde sempre, eu já comecei sendo muito intrometida, já querendo compartilhar, ali, o que eu estava aprendendo. Então, eu lembro que na escola, quando eu comecei capoeira, eu já ia ensinar o que eu aprendia, ensinava a colocar a mão no chão, de virar pra cá, virar pra lá. Ensinava... Sempre gostei muito de ensinar. Sempre. Então, nesse processo de querer ensinar eu fazia trabalho na escola em grupo com capoeira. Aí, os professores começaram a sugerir que eu desse aulas de capoeira na escola. Aí, eu comecei a dar aula de capoeira na escola, depois eu comecei a perceber, mesmo naquele grupo que eu falei que não tinha questões políticas, eu sempre tive muito problemas porque eu era um corpo gay, até então. Então, eu comecei uma aula de capoeira só para pessoas LGBTQs. E aí isso foi um problema muito grande porque a capoeira odiava, assim, foi um negócio. Porque eu usava também a internet, ao mesmo tempo, dando aulas de movimentação, de tutorial de movimentos.

João Caetano: Vídeos curtos? Disponíveis?

Puma Camillê: Eu fiz vídeos curtos, abertos, numa página chamada Capoeira Movies⁷, que é uma página que ficou muito famosa.

João Caetano: E ainda está disponível para acesso?

⁷ O canal pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/@CapoeiraMovies>. Acesso em 29 ago 2024.



Puma Camillê: Ah, eu acho que sim. Acho que tem coisas lá. Eu digo que, enfim. Tá lá, tá lá, outra figura. Mas estão lá esses vídeos. E isso foi algo que me expandiu muito. Antes disso, eu encontrei com meu primo, David Almeida, que hoje tá indo pro mundo, também com o cinema. Ele estava no início da universidade dele de imagem. Era imagem, fotografias e tal, mas tinha a ver com câmera. E ele fazia todos os trabalhos comigo. Eu tinha ideia, ele tinha ideia, a gente criava ideias com capoeira e isso começou a ficar muito popular na capoeira. De vídeos como videocliques de músicas de rock, de capoeira, de hip-hop. E depois comecei a fazer tutorial, então eu comecei a compartilhar coisas na internet e isso começou a fazer as pessoas me conhecerem pra fora da capoeira, mas com a capoeira.

João Caetano: E isso desde quando, Puma?

Puma Camillê: Desde 2013.

João Caetano: E qual era a plataforma utilizada?

Puma Camillê: *Youtube*, tudo no *Youtube*. São vídeos que hoje eu olho e a gente fala: Olha que merda! Olha que merda! Mas, na época, era o máximo aquilo, né? Não existia ainda. Os vídeos de tutorial todos bem explicados. Enfim, eu tô no processo de fazer novos semana que vem.

João Caetano: Pelo *Instagram*?

Puma Camillê: Não, agora numa plataforma de partilha mundial, enfim, toda uma estratégia também de conseguir comunicar com a quebrada, disponibilizar isso pra quebrada, e conseguir vender pros gringos.

João Caetano: E qual é essa plataforma?

Puma Camillê: Hotmart, será que é isso? Eu acho que é isso. *Hotmart*⁸.

João Caetano: Entendi, o esquema funciona com você descarregando um conteúdo lá e ele passa a ser vendido ou disponibilizado?

⁸ Até o momento em que esta entrevista foi enviada à publicação, não encontrei na Plataforma *Hotmart* nenhum curso ofertado por *Puma Camillê*.



Puma Camillê: Exatamente. Sinceramente? Essa é a forma que eu encontrei de poder compartilhar. Que nem o Mestre Nego Bispo fala: não é pra gente não vender a roda. A roda, que ele diz, [era] uma pessoa da roça dele que fazia rodas de madeira e todo mundo precisava de rodas para colocar embaixo das coisas para movê-las. Aí, pras pessoas da quebrada ele ensina a fazer, como faz a roda. Pras pessoas que querem comprar a roda, ele vende a roda melhor, só que por um valor de troca com a pessoa. Se a pessoa quiser trocar por dinheiro, o valor de troca do dinheiro é esse. E pras pessoas gringas, ele vendia essa roda, que é a roda que ia quebrar. Depois, ele vendia essa roda que a pessoa ia ter que descobrir como faz. Enfim, ele ia tapeando⁹, sabe? Do jeito dele, pra ele conseguir entender como entregava.

Claro que eu tirei ensinamentos dele, de percepções, ele é uma pessoa muito sábia, muito sábia. Tenho as minhas questões de doar, de entender como doar, então eu faço a minha assimilação. Então, como que eu dou este saber, que não é meu, que tem muita coisa por trás de mim, assim, de mão beijada na internet? Pensando nessa sabedoria que vem de um mestre quilombola, eu acho que não preciso continuar. As pessoas em eventos têm acesso a presença, que é o que realmente importa, a presença, a fala. O que eu troco na internet, é um dedo. É um detalhe. É um dedo com fluflu em volta, glitter e a maneira que a internet gosta de vender as coisas. Então, eu aprendi a colocar meu corpo nesse lugar e eu acho que é essa a malandragem que a capoeira me deu, pra jogar capoeira na internet, entendeu? Ter um mestre na internet é muito caro pra ele tá tão barato. Entendeu? É muito. Então eu acho que eu tento adicionar essa malandragem, que os mestres me ensinaram, só que 2.0, sabe? Num corpo mutante. Modificado. Editado.

João Caetano: Entendi. Eu já lhe ouvi falar, na Internet, da capoeira e do vogue como *tecnologias*. Você pode comentar um pouco sobre essa concepção?

Puma Camillê: Exatamente. Na verdade, tudo é tecnologia. É porque, na verdade, a gente pensa a tecnologia a partir da lógica eurocêntrica – que é aquilo que tem a ver com eletricidade, eletrônico – mas, tecnologia é aquilo que te facilita a fazer algo. Então se eu uso, sei lá, a corda para puxar o balde de água do poço, sabe? Tem uma maçaneta, é uma tecnologia. Então, a capoeira e o vogue – pegando o mesmo exemplo da água, do pote, da maçaneta – a capoeira e o vogue trazem isso de forma sofisticadíssima, sabe? Além do corpo, psicoterapia... coisas que se psicossomatizam no seu corpo em doença, em entrave, em coisa que você não cura com remédio e você vai curar com capoeira, sabe? É isso nitidamente. E quando toca no corpo, na dor, você entende, lá dentro, o botão que ativou.

Daí você sabe a pessoa que trava isso no seu subconsciente. Seu irmão de infância, sua mãe, seu pai, seu tio, seu avô... Aí você tá lidando com a figura que remete a ele, olhando no

⁹ Vem de “tapear”, usa-se quando alguém quer trapacear, manter uma vantagem sobre outrem.



seu olho, querendo te pegar, só que sorrindo, brincando, arrastando no chão, então você remete à infância. Você cura. A capoeira cura num lugar que é para além da percepção e isso não cabe na internet, entendeu? Não cabe. Então, na internet, cabe um movimento: é assim que faz, bota a mão pro lado, pro outro, pronto. Agora, quando vocês virem uma roda de capoeira, busquem saber quem é o mestre do espaço, vá buscar saber dessa história, pra conseguir usar esses movimentos que eu acabei de jogar pra vocês, com um pouco mais de profundidade. Então, a internet é uma porta de sugestão para pessoas que podem descobrir, enfim, que tem um pouco mais do que o movimento na capoeira. Com responsabilidade, sempre. Porque é uma chave poderosa que não é pra ser dada pros alemão, sabe?

João Caetano: E como é que você descobre, Puma, esses pontos de encontro entre o vogue e a capoeira, essas tecnologias que se somam e se potencializam? Quando foi que isso apareceu pra você e você começou a trabalhar com isso?

Puma Camillê: Então, na pandemia [da Covid-19]. Eu acho que a pandemia foi um momento que não deu mais pras pessoas olharem pra fora, elas tiveram que olhar pra dentro, sabe? E olhando pra dentro, eu me questionei com várias transformações óbvias, mas o gênero foi uma delas. E aí pensando o gênero como algo que não é discutido na capoeira. Inclusive, é discutido a questão de “homem” e “mulher”, porém binárias. Só que, ao mesmo tempo, mulheres não têm voz ali pra falar sobre mulheridade. Então, são sempre micro-nichos delas pautando igualdade. Então, é uma reprodução óbvia do sistema porque tem todo um atraso histórico aí. Só que, nessa *mulheridade*, não tá pautada a travesti ou as mulheres trans. Está em outro contexto. Então, perceba que eu estou em outro lugar, ainda, andando na fresta que outras mulheres abriram pra mim. Tem um caminho a percorrer aí. Um caminho a percorrer que se eu quiser colocar o carro na frente dos bois, eu tô enrolada na minha ansiedade, nos meus gatilhos, nas minhas transformações. Só que, ao mesmo tempo, a pandemia me obrigou a olhar pra isso.

E, entendendo esse tempo que não dá pra correr, dentro desse universo que eu estava inserida... – Ah, eu não vou usar a palavra “coincidência” porque eu não acredito nisso – mas, de forma confluyente, mágica assim, sabe? A *ballroom* se apresenta pra mim, que é uma comunidade com percepção de pessoas trans, mesmo. Então, ali, quanto mais atravessamentos de vida mesmo essa pessoa tem, por ser quem ela é em vida, performando a realidade dela, aquilo reverte a lógica e vira o seu bônus, não o seu ônus. E a *ballroom* criou um lugar que isso é real. E isso é tão real que quando você sai daquele universo, você se conecta com essa energia que você desfrutou, um deleite. Aquela imaginação... Você começa a desfrutar de coisas que reforçam aquilo que você acredita, sabe? Só que o que tá dentro desse contexto para uma pessoa que foi criada dentro do contexto da capoeira, que quer morar na roça, que quer plantar, sabe? Não são os mesmos quereres e valores... Então, eu aprendi a entender como a matéria são



e227168

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v33i2pe227168>

códigos de acesso pra gente conseguir jogar o jogo da capoeira, o jogo da vida. A ballroom me deu códigos para conseguir ter armamento pra jogar com o que a capoeira tava parecendo. Vendo os mestres precisando de grana pra morrer, sabe? Pra caixão. Vendo essas pessoas extraordinárias não se entendendo enquanto artistas e estando sempre num lugar de subserviência, para servir pessoas, nos lugares, com capoeira.

A capoeira sempre teve nesse contexto quando ela aparece de forma pública ou como forma de vadiação, que é a hora que eu mais gosto. Isso tem que continuar mesmo: em praça pública, no lugar em que a roda acontece pra todo mundo poder chegar. Esse é o lugar que ela tem que estar e não pode perder, sim, porém existem outros lugares a serem ocupados. Aqui na universidade, inclusive, no lugar de doutores, ter gente ocupando com capoeira. O lugar de doutora... Porque, enfim, são anos pra você se formar na capoeira, né? Eu sou uma adolescente curiosa, né? Cheia de pitacos, que faz capoeira há dezesseis, dezessete anos... Só que uma adolescente ainda. Os mestres fazem capoeira há quarenta, cinquenta anos, imagina? Você entendeu? É uma pessoa que merece ser referenciada e reverenciada também financeiramente. Com acesso. Enfim, de poder escolher o que ele vai comer, o que ele vai plantar. Coisas mínimas... e que eu descobri com a tecnologia *ballroom*. Que está conectada com a lógica capitalista, mas na subversão do capitalismo.

A capoeira que se conecta com isso, a capoeira contemporânea, normalmente embranquecida, esportivizada, organizada com nome, com regra, com um monte de coisa, com campeonato, com isso, conecta com o dinheiro. Faz muito dinheiro. Mestres brancos, vários riquíssimos, milionários, fazem muito dinheiro... Só que na lógica do capitalismo, com os mesmos pilares de estrutura de opressão do dinheiro. Então eu não tenho medo do dinheiro, não mais. Não é sobre isso, mas é como a gente está envolto a essa estrutura do dinheiro. Existem outras perspectivas pra gente fazer o dinheiro rodar, sabe? E a *ballroom* me possibilita, enfim, um mix de capoeira e vogue. Pra mim, a *ballroom* é, ainda e por mais que ela seja circular, ela olha pro mundo de forma binária. Ela é a percepção de pessoas trans, só que a lógica que tá lá dentro, se você não tem essa malandragem pra perceber que não era sobre aquilo, mas sobre o que aquilo te causa. O que aquilo te faz entender, te faz sentir.

Não era sobre quem vai ganhar, era sobre quem faz o momento. O momento não é só um, é o jogo de você com a outra. Claro, o *grand pride* é só o código do sistema pra gente começar a se apoderar de coisas nossas. De lutar por como o sistema também funciona. A capoeira me faz enxergar essa fresta que a *ballroom*, talvez, tenha dificuldade de enxergar. Porque a percepção da sabedoria do mais velho está muito próxima. Acabei de citar o Nego Bispo que conheci num evento de capoeira, como maestria que a capoeira também tem referenciado. Então, pensando que essas manhas de vida, mesmo, seguem na minha memória existencial, bem próximas a mim, quando eu acesso a Globo, a televisão, sabe? Lugares de acesso para informação circular, eu consiga ter ao meu lado, ou na minha fala, a referência,



com nome, com fala, com a assinatura de quem veio antes, fazendo esse jogo continuar. Decolonizando lógicas.

Terceira parte: Quem tem medo da internet?

João Caetano: Eu queria perguntar como é que as tecnologias digitais atravessam essas outras tecnologias – pensando, aqui, o vogue e a capoeira? De que modo o vogue e a capoeira, enquanto tecnologias vitais nesse sentido, são atravessadas e podem ser atravessadas pelas tecnologias digitais?

Puma Camillê: Então, a capoeira já chegou num contexto de estar mundialmente compartilhada, tendo eventos semanalmente online. E funciona muito massa. Fazer as pessoas se conectarem com o corpo delas, com a musicalidade, aprender um instrumento, sabe? Eu acho que é um ponto de organização massa que rola e monetiza, pra quem conseguir jogar nesse jogo aí. E eu acho que é massa. E que professores, contramestres, alunes que tão chegando, que tem esse domínio, percebam que vocês fazem parte da roda para partilhar e potencializar quem tá nessa mesma roda. De preferência, o Mestre. Se o Mestre não quiser, a pessoa de referência do Mestre, que vai levar o saber do mestre. E que todo mundo faça dinheiro junto, entendeu? É só mais um dispositivo que entrou na roda de capoeira, sabe? Tá tudo bem, não precisa ter medo.

João Caetano: A Internet como *dispositivo*?

Puma Camillê: É, um dispositivo. Não precisa ter medo. Não tenha medo, não.

João Caetano: No ramo da antropologia e dos estudos culturais, alguns autores e autoras pensam as tecnologias digitais como tecnologias vitais, no sentido que elas assumem um lugar de infraestrutura básica. Para vir pra cá, usamos o *uber*, agora há pouco pagamos o lanche que comemos contas pelo celular, usando o *pix* e o cartão virtual, para citar dois breves exemplos. Então, a ideia de tecnologias vitais passa por esse lugar de uma existência digital que faz parte do cotidiano de forma quase inescapável. Você acha que a Internet é uma tecnologia vital à capoeira, nesse sentido?

Puma Camillê: Nunca, nunca. Porém, como a gente é colocada nesse contexto, por conta da vida, é muito difícil chegar em uma academia de capoeira, que não seja a capoeira angola, que tenha um monte de CDs antigos de mestres. Porque hoje a galera já está conectada no *Spotify*, é rapidinho. Tá todo mundo no *Spotify*, você coloca ali no celular, no relógio. Mas, sempre em academia de capoeira angola eu vejo CD, disco, sabe? Que ainda rola em vitrola.



e227168

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v33i2pe227168>

Então, eu acho muito massa. Mas a capoeira, na minha opinião, pra ela ser vital ela precisa da comunidade. Não tem como ela ser vital sem ser em comunidade. O vogue só existe porque você tem que sentir a energia do povo sendo sugada para pagar o seu *dip*. Se você não faz isso, você não está sentindo ainda, sabe? As pessoas sentem, sabe? É forte. É muito forte o que você manifesta ali, e na capoeira também. Então, se você não vive isso, não dá pra sentir. Na minha percepção. Ah, na verdade até dá, né? Mas você vai sentir em outra camada, né? É como eu falava no começo da conversa, são camadas de profundidade. Pra mim, hoje, a capoeira tem essa importância. Só que se eu falasse de capoeira assim, antes, talvez ela seria chata. Eu queria virar mortal. Eu queria descobrir o que o meu corpo pode fazer. Eu queria mesmo. Então foi muito massa descobrir o que eu descobri.

João Caetano: Desde quando e de que modo a internet passou a fazer parte do seu cotidiano enquanto capoeirista e performer?

Puma Camillê: Então, eu já tinha feito videoclipes, já tinha viajado pro mundo com vídeos sempre [leva a mão à boca e dá um beijinho] bem produzidos. E às vezes quando eu ia pra Europa e tal, não é que eram bem produzidos, mas vídeos bem editadinhos. Quando o capoeira colocava o celular ali e parava, eu já fazia uma ediçãozinha, um negócio.

João Caetano: Ah, entendo... Isso antes de 2013?

Puma Camillê: Sim, eu já tinha um negocinho assim. Só que meu primo foi o *boom*. Fomos muito além. Não era um negocinho de celular, era um negócio ADIDAS, sabe? Tipo um comercial de capoeira que a galera ainda não tinha visto.

João Caetano: Isso pelo *Youtube* também?

Puma Camillê: Aham. Tudo muito bonito, assim. Aí isso começou a ficar bonito demais, os vídeos... Mas aí tá. Já foi.

João Caetano: Passou, né? De um modo geral, nos dez anos transcorridos até aqui, o que mudou na sua relação com a Internet?

Puma Camillê: Agora eu comecei a descobrir como comunicar mensagens com isso. Porque é legal ter a capoeira como movimento, e tal, só que eu estava conectada com a capoeira em movimento. Daí agora o meu movimento, no mínimo, tem um sentido político. No



e227168

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v33i2pe227168>

mínimo. Se não for pra ser político, eu vou, enfim, ficar na minha casa. Vou estar com meus amigos, vou fazer uma moqueca, vou transar...

João Caetano: Aham... mas eu acho que tem muito de uma força política...

Puma Camillê: Muito grande...

João Caetano: ... muito grande na sua presença.

Puma Camillê: Ah, obrigada! É isso que eu descobri agora e comunico com pessoas LGBTs. Que na nossa existência tem um ônus, então a galera já sabe porque é ruim e nananana... mas tem uma dificuldade de descobrir porque é bom ser essa pessoa. Daí, ser essa pessoa, com essa força que você tá me contando, é isso que essas pessoas precisam descobrir. E a capoeira me apresentou isso da forma mais magnânima possível, sabe? Eu não tenho dúvidas que minha presença é forte pelo fato dessa existência dissidente fazer capoeira, e só. Isso já é muito! Então, que isso seja um bônus para pessoas LGBTs, de entenderem a força a partir da história delas. E delas contando dos pais delas, das mães delas, do vô delas, da vô... E trazendo, sabe, história ancestral a partir desse corpo. Isso é forte!

João Caetano: Muito forte. Então, de algum modo, a existência do fenômeno Puma Camilê está também relacionado à Internet como um ambiente (ou território) de propagação dessa voz, desse corpo, dessas ideias, dessas mensagens?

Puma Camillê: Sem dúvidas, sem dúvidas. Inclusive porque eu penso até nos meus primeiros relacionamentos afetivos, sabe? Como seria, pensando que eu era um menininho gay, dentro do contexto da capoeira, em que a figura de – enfim, não diferente do contexto comum, do dia a dia – mas a figura de pessoas LGBTs são usadas para graça, pra rir, pra ridicularizar. Na capoeira, isso duas vezes mais, por conta do aplauso à masculinidade, ali dentro, autorizada, todo mundo vendo. É... me relacionar com outras pessoas, até então, que eu me atraía exclusivamente por pessoas masculinas com pênis. Me atrair por essa pessoa que tem a figura do “gay”, na cabeça dela, como graça. Como eu ia flertar com ela, senão pela Internet, e não ter medo de levar um murro, um chute ou ser ridicularizada? Então, a Internet sempre fez parte da minha relação de vida, mesmo! Esse lance do flerte não existiu, não era uma realidade. Então, a capoeira nunca viu o que eu posso fazer, nunca! De perto, nunca!

João Caetano: Sim. Esse exemplo que você deu, ele é maravilhoso, porque faz pensar também sobre como, talvez por essa mesma razão, esses debates políticos que reivindicam



e227168

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v33i2pe227168>

igualdade no trato entre as pessoas, na capoeira, acontecem com maior incidência pela/na Internet também. Antes de começar a entrevista, estávamos falando do quanto a Internet também impulsionou o debate, a reflexão, acerca das questões de gênero. Pode comentar sobre esse ponto?

Puma Camillê: Exatamente. Eu acho que a Internet é esse ponto que faz as pessoas que tem interesse nesse assunto irem se potencializar com alguém que tem as mesmas indagações. Daí a gente faz uma roda pra conseguir conversar sobre isso. Pra que isso, de fato, tenha força na vida das pessoas. A Internet é um *intermedium*. é um ponto que a gente intermedia pra se potencializar. Eu sinto que a minha força na Internet. Ela prepara o teu mestre pra eu chegar lá. Quando o seu Mestre vê o que tô falando na televisão, o que eu tô fazendo na Internet, ele vai falar: Peraí, ela não tá moscando, ela não é uma maluca! Então, vamos tratar ela bem.

João Caetano: Então, a Internet permite comunicar com corpos e pessoas de fora da capoeira, mas também de dentro da capoeira?

Puma Camillê: Isso, isso... Pra galera da capoeira... Enfim, eu sou ameaçada de morte, amigo, dentro da capoeira. Por gente que mata armada dentro da capoeira. Então, isso tem desde... Enfim, sempre teve. Sempre teve. Sempre teve. Aonde eu vou na capoeira, eu tenho que andar com muito cuidado, sabe? Eu não posso ir a qualquer lugar. Não é bem assim. Pra essa informação chegar da forma mais amigável possível, alinhada, que é uma flechada só, que eu não dou volta. Quando eu falei o que precisava ser falado, com muito fluflu, muito glitter. Porque tem fluflu e tem glitter, tem.

João Caetano: Tem... tem edições e efeitos especiais.

Puma Camillê: Isso, tem edições e efeitos especiais... mas eu falo o que precisa ser falado. Mas, eu preciso da minha micro-segurança de distância.

João Caetano: E a Internet permite isso.

Puma Camillê: É isso. Daí, o jogo da capoeira eu só jogo com quem respeita o meu corpo político. Eu já entendi isso e, agora, eu já não sou obrigada a jogar com qualquer pessoa. É, eu tô ali pra me potencializar, não pra me provar. Não tô pra isso. E eu fui construída num lugar em que a capoeira era para guerreiros. Não é isso.

João Caetano: Puma, você consegue perceber um “antes” e um “depois” da Internet, enquanto esse dispositivo, essa ferramenta acessível e acessada para promoção da capoeira e do



e227168

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v33i2pe227168>

vogue, ou ela sempre esteve na sua trajetória? Não há uma linha de corte, digamos assim, porque ela sempre esteve presente?

Puma Camillê: Não, eu percebo um “micro-antes” e um “micro-depois”. Eu tenho muito medo disso, sabe? Eu não acho que é um bônus, eu acho que tá aí. Então, se tá aí, vamos usar. Não tem como lutar contra. Não é inteligente resistir, lutar contra, entrar na caverna e chorar. Não dá mais pra sair. Não dá, não tem o que fazer, tá aí. Eu não acredito, de fato, que ela é um bônus, mas que a gente pode usar ela como um bônus. Que a forma que ela está posta, ela é um revés imenso. Porque ela é passada de forma micro, como eu falei. Mas que isso leve as pessoas a vivenciarem de forma um pouco mais ampla para que a capoeira seja promovida de fato! Porque a capoeira enquanto movimento, toque de berimbau, isso é revés para capoeira. É a gente dar os nossos segredos de luta política e de armas nas mãos do opressor, sabe? Não só de um opressor, mas de qualquer pessoa sem perguntar quem é ela.

João Caetano: Sim, de um potencial opressor ou de um opressor em potencial..

Puma Camillê: Isso, um opressor em potencial. Uma pessoa em potencial. Pra não colocar a pessoa nesse lugar, mas uma pessoa em potencial que, talvez, nem tenha vontade de fazer parte do mesmo quilombo que você faz.

Quarta parte: “A Bahia tem um jeito que nenhuma terra tem...” e a capoeira do futuro

João Caetano: Iniciando o último bloco, que será mais curto. São perguntas que já fogem um pouco do tema da Internet e nos aproximam daqui, da cidade da Bahia. E aí, o que é que te traz a Bahia?

Puma Camillê: Então, eu sinto que na Bahia eu vim relembrar o que, talvez, eu já sei. Num momento que todo mundo chama de futuro, mas eu sei que eu já sei e que tá aqui. Tem a ver com o meu nome, tem a ver com o meu idioma. Tem a ver – não é com minha missão, “missão” é muito forte – mas o porquê que eu tô aqui na terra de forma alinhada. Enfim, com a sabedoria percussiva que eu sei que eu já domino. Com a voz. Com coisas que eu sei que a Bahia me traz, enquanto pertencimento, que a capoeira tem. Aula de percussão, aula de berimbau, aula de musicalidade – não só de capoeira, mas música, música também; o terreiro de axé, aprender iorubá e quimbundo. É meu nome de axé, é meu nome de registro. Então Puma, este nome de axé e o sobrenome da minha família. Então, esse segundo nome eu não troquei ainda, então eu não me retifiquei por isso. Então, eu sei que tem coisas que a Bahia tem pra mim, aqui. E eu me apaixonei também por uma pessoa. Por um mocinho trans, magnífico.



e227168

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v33i2pe227168>

João Caetano: Baiane?

Puma Camillê: Não, ele é de Brasília e mora aqui.

João Caetano: Entendi. Então, a gente nota que a Bahia ocupa um lugar especial no imaginário da capoeira, né?

Puma Camillê: Sem dúvidas!

João Caetano: Como a meca da capoeira, o berço da capoeira. Isso também mapeia a sua vinda?

Puma Camillê: Sem dúvidas. Na minha cabeça, a minha figura só tem força, de fato, pro futuro se esses mestres fizerem uma reverência também. Então, a gente se reverenciar. Eu a eles e eles a mim, pro futuro continuar. E aí eu preciso estar alinhada ao saber deles pra que isso aconteça. Então, eu tá aqui na Bahia é absorver do saber deles pra que essa reverência exista no futuro.

João Caetano: Sim... beber da fonte, né, como a gente diz...

Puma Camillê: Exatamente.

João Caetano: Isso tem muito a ver com a próxima pergunta que é: como você percebe e considera a recepção que tem recebido nos grupos e nas rodas, inclusive as mais tradicionais e conservadoras que acontecem, aqui, na cidade?

Puma Camillê: Eu não fui em tantas. Eu fui em algumas. Mas, em conservadoras, eu já fui...[finge bocejo, debochando] como uma boa capoeirista, com sutileza, com elegância pra chegar na roda de capoeira – não só como meu mestre ensinou, mas como minha mãe ensinou a chegar na casa das pessoas - eu sei chegar sem fazer feio. Então, quando as pessoas me veem, primeiro, chegando, elas estão cheias de coisas na cabeça. Aí depois que eu jogo, as pessoas falam: “Ela é capoeira, a gente não pode tratar ela mal.” Eu sinto isso. Mas, todavia, entretanto, enfim, eu acho que a gente tá mudando junto. Sabe? Eu sinto que as pessoas não me tratam mal, elas só não sabem como tratar uma pessoa trans. Daí elas vão me atravessar, é diferente. Quando elas vão falar comigo, quando elas vão se remeter a quem eu sou... Por isso que não tem gente trans. Porque eles não lidam... Porque esses mundos não se encontraram mesmo.



e227168

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v33i2pe227168>

Então, quando eu chego, as pessoas não querem se relacionar comigo mesmo. Eu sinto, de longe. Ainda mais que eu chego, normalmente, eu: De *bobby*, salto alto. Isso pra capoeira é muita afronta. Acho que pra qualquer bofe, ver uma pessoa que eles sabem que nasceu de pau não performando masculinidade é uma afronta. E daí, quanto mais se distancia da masculinidade, mais afrontoso isso é, na cabeça deles. A capoeira tem aquilo como referência de Mestre: um bofe que perfoma bofe, sabe? É muita afronta pra eles. Então, aí eu ocupar um lugar de alguém que sabe... Sabe? Na cabeça deles, não que eu saiba... [Risos] Mas, na cabeça deles, ocupar o lugar de quem sabe é uma afronta muito grande.

João Caetano: Eu vejo que você tem uma relação, uma navegação, uma imersão no universo da capoeiragem a partir e através da capoeira angola...

Puma Camillê: Exatamente...

João Caetano: Você conhece a capoeira Regional? Já frequentou?

Puma Camillê: Assim, eu cruzei com pessoas que estudaram com o Mestre Nene, eu cruzei com irmãos de capoeira do Mestre Nene. Assim, em tempos diferentes da minha trajetória. Então, estudei... – Não estudei, quando eu digo estudei – eu cruzei. Estive em três ou quatro cursos, estive com algumas pessoas que passaram pela vida do Mestre Bimba. Eu passei por pessoas que levam a capoeira regional como filosofia e seguem levando a capoeira regional. Mas não de forma profunda, como eu me aprofundo na capoeira angola.

João Caetano: Uma vez eu te ouvi responder (acho que foi uma pergunta da caixinha do *Instagram*)¹⁰ alguém perguntou assim: qual a roda que a Puma não entra? Agora, eu quero saber: qual é a roda que faz o seu coração pulsar mais forte? A roda que a Puma faz questão de entrar e de jogar!?

Puma Camillê: Então, eu sei de longe, sei de longe. Primeiro você pensa numa bateria¹¹ afinadézereziressima, assim, linda, sabe? Com um canto, assim, que te leva... que te remete a *gente véia* cantando, sabe? Contando uma história, sem pressa. Coroinha, não importa o gênero, homem ou mulher, não importa mesmo. Cantando, assim, no berimbau. Óbvio que a referência de uma pessoa preta retinta ela conta uma outra história, essa pessoa no berimbau

¹⁰ Trata-se de uma ferramenta pela qual você pode suscitar e responder perguntas, gerando um relacionamento mais estreito com seus seguidores. Em geral, as caixinhas são temáticas.

¹¹ “Bateria” é como os adeptos da capoeira angola denominam o conjunto de instrumentos que embalam o jogo nas rodas de capoeira – três berimbaus, dois pandeiros, um agogô, um reco-reco e um atabaque. Na capoeira regional, a formação leva o nome de “charanga” – um berimbau e dois pandeiros.



cantando. Então, assim, você pediu pra eu desenhar a roda... Você imagina que tem essa presença feminina no Berimbau também, cantando ou não, mas ali. Provavelmente um ogã, ali, no tambor. Alguém que já trabalha com isso, sabe? Não tá dormindo, não tá tocando como um hit, tá tocando entendendo o que tá fazendo. Normalmente no pandeiro alguém que tá na roda de capoeira, mas também sacode o pandeiro no samba, faz, sabe? Então, pessoas que dominam o instrumento, elas não foram ali cumprir o papel de tocar porque precisam tocar. Elas estão manifestando a potência máxima delas nos instrumentos, no canto...

A bateria que vai tá conversando enquanto rola um jogo – eu nem preciso tá no jogo, só de eu tá assistindo seria tudo, mas se eu tivesse seria massa, mas enfim, só de ver já seria lindo – dois corpos pretos, com uma maldade, dosada. Mas uma maldade. Que a gente gosta de ver o circo pegar fogo também. A gente gosta de ver o circo pegar fogo. Então, uma maldade dosada que ainda tá alinhada com um corpo, ali, equilibrado, uma roda afinada com quem tá cantando... Isso pode ser embaixo de uma árvore. Num lugar que não precisa ser batido de terra, não. Que a terra vai jogar pra cima, vai ser o uó, vai ser o uó, vai ser uó. Então, pode ter um chãozinho, ali, gostosinho, pros capoeiras colocar a mão, tá? Mas ali bem pertinho da terra, numa árvore, talvez perto numa cachoeira... Imagina que delícia? Eu já joguei nessa roda, viu?

João Caetano: Sério?

Puma Camillê: É, em Serra Grande, na Bahia, no Grupo Angola Ouro Verde. Mestre Cabelo e Mestra Tiza. Acontece exatamente desse jeito a roda. Do jeitinho que eu tava lhe contando, eu tava falando e vendo.

João Caetano: E como Puma pensa a capoeira do amanhã ou a capoeira do futuro?

Puma Camillê: Ah, igual... Quase igual à do passado. Só que sabe aquelas imagens que só tinha bofe? Agora, com um monte de gente, sabe? Pra não mudar tanto, é isso. Aí, dentre um jogo e outro, eu acho que com um pouco mais de consciência nos elementos, a gente pode trazer elementos, ali, do candomblé sem problema algum. Sem problema algum. Não que vai vir uma entidade girar ali, porque cada lugar é um lugar. Só que pode ter agradecimentos públicos que não precisam ser um problema para capoeira porque, ali, é um espaço disso também. Aí, a gente pode ter algumas manifestações. Eu, pelo menos, no meu espaço, eu acho que podem existir algumas manifestações envolta da roda, tanto religiosas, como artísticas e poéticas. Coisas que podem acontecer com a roda de capoeira. A roda de capoeira pode ocupar também esse lugar junto com as outras manifestações, sabe? Isso com a pluridiversidade de pessoas ali: pretas, indígenas, pessoas brancas, pessoas trans, enfim. Com um número maior de pessoas pretas e indígenas, obviamente. Porque elas são um número muito menor numa



e227168

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v33i2pe227168>

manifestação que elas deveriam estar, assim, ó, sendo aplaudidas ali no centro por serem quem elas são.

João Caetano: De algum modo, a sua ginga, aús e roles, dentro da capoeira e no mundo, vão no caminho dessa capoeira, né? Levam à direção certa para que essa capoeira do futuro, que a gente tá pensando aqui, possa ser a capoeira do agora também, né?

Puma Camillê: É exatamente isso. Eu acredito que tudo isso que eu tô falando, desse futuro, que todo mundo acredita que é o futuro, eu acho que é só gasolina pra eu continuar viva. Que é o que tô manifestando, sabe? Tudo que eu acho que é pra longe e tal, eu sou capaz de manifestar agora. Eu tirei do lugar de pedir pra Deus, sabe? E eu faço e concretizo e materializo. Só que não eu, eu junto uma roda, com um, com outra. Um monte de gente acredita na ideia e a gente faz a ideia juntos.



e227168

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v33i2pe227168>